



Primeiro Domingo do Advento (28/11/04)

Mais um advento. O calendário litúrgico nos reservou para hoje algumas surpresas. O rito penitencial. Advento é tempo de reflexão diante do plano de Deus para a humanidade. É tempo de refletir como estamos orientando nossas vidas em relação ao propósito de Deus. A liturgia nos convida a voltar nossa atenção para as promessas de Deus relativas a todo o universo e que vêm de encontro às mais antigas utopias humanas

1ª leitura: Antigo Testamento: Isaías 2.1-5

O texto procede do VIII século antes de Cristo, numa época em que Judá (Reino do Sul) encontrava-se sob ameaça do crescente poderio da Assíria. Reflete, portanto, a inserção do profeta nos acontecimentos históricos de seu tempo. Por isso, a parte final da perícopa traz uma palavra de esperança de fim do militarismo. Porém, para Isaías, a vinda desse tempo seria precedida por um futuro em que "o monte de Iahweh" (monte Sião, onde se situa Jerusalém) desempenharia um importante papel histórico de instrução (Torah, vers. 3). Naturalmente, não podemos forçar o texto para uma literalidade pró-sionista em nossos dias, uma vez que o atual Estado de Israel é um dos que mais investe em armas bélicas. Porém, podemos aplicar essa promessa ao novo Israel, o povo da nova aliança, chamado a instruir as nações atualmente em guerra e que investem maciçamente na indústria bélica para que reavaliem suas prioridades: o que é mais importante: investir em espadas e lanças ou em enxadas e arado? investir em armamento ou na agricultura? investir na morte ou investir na vida? (CEBC)

2ª leitura: Epístola: Romanos 13.8-14 (...pois está chegando o dia...)

Vs 8-10. Em união com Cristo, a Igreja (os cristãos) vivem como oferenda a Deus, o louvor e ação de graças, a vida eucarística. Esse é o contexto em que se vive o amor fraterno. Esse amor cumpre a lei. Que lei? É a lei do amor. O amor uns aos outros não se paga, porque não é tipo de dívida que se paga. De certa forma, Os versos 8-10 têm como referência aos versos 9 a 13 do capítulo 12.

11-14. A conduta é vista sob o ângulo do tempo único, o tempo possibilitado pela doação de Cristo: a vitória sobre o medo da morte. É preciso viver como quem vive num novo tempo da salvação. Viver nesse tempo é ter um novo relacionamento uns com os outros, livre do impulso implacável pela sobrevivência a qualquer preço, em detrimento de outrem.

Vs 11 -...hoje, com efeito a salvação está mais próxima de nós do que no momento em que abraçamos a fé. Quando abraçamos a fé? No Batismo. E, logo vem a metáfora do batismo e a nova conduta.



Vs 14. Revestir-se é expressar esse novo tempo assim como o Filho que voltou ao lar foi aceito como o herdeiro e não como empregado, por isso, o pai lhe deu a melhor veste. Em Gálatas 3.27, por meio do Batismo revestimo-nos de Cristo. Cristo é a nossa veste, insígnia para indicar a nossa posição no mundo. (ST)

Santo Evangelho: Mateus 24.37-44

O discurso escatológico de Jesus aterroriza e mete medo em muitos. Porém, sempre é bom lembrar que quando a Igreja proclama a vinda do Filho do Homem, isso não significa apenas juízo, mas também promessa de renovação. Na teologia bíblica, o juízo de Deus não significa o fim ou a destruição do mundo e do cosmos, mas a destruição e eliminação de um modelo de mundo erguido de acordo com propósitos incompatíveis com o plano de Deus para a humanidade. Nossa pregação não é de "fim-do-mundo". Não é isso que anunciamos nem o que desejamos. Desejamos, sim, a renovação do mundo, o novo céu e a nova terra.

Exatamente por essa mensagem ser promessa de renovação é que Jesus remete os ouvintes a lembrarem-se dos dias de Noé (v.37-39). O que a Bíblia fala sobre aqueles dias? Gn 6.5 diz que a terra estava corrompida e "cheia de violência por causa dos homens" (Gn 6.13). Naquelas circunstâncias, o dilúvio representou não o fim do mundo, pois o mundo continuou, mas a renovação da face da terra pela destruição da iniquidade e a promessa de um novo começo.

Jesus adverte que, tal como "nos dias de Noé", as pessoas ainda vivem indiferentes ao propósito de Deus e ao seu Reinado. É preciso tomar cuidado para não cair no erro de muitos pregadores moralistas que condenam pequenos prazeres com base na frase "comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento...". A ênfase é outra e a linha que separa a advertência à vigilância da pregação moralista é muito tênue. Por isso é preciso tomarmos cuidado. O cerne aqui não é propriamente o fato de casar ou comer e beber, mas o risco de se levar uma vida indiferente aos valores do Reino de Deus e ser cegado pela violência, acomodando-se a essa ordem, tal como "nos dias de Noé". Estamos constantemente ouvindo notícias de corrupção e assistindo à escalada da violência. E o maior problema é que parece que já nos acostumamos tanto com isso que nem mais nos escandalizamos. Como não constatar que, de fato, vivemos *tal como* "nos dias de Noé"? Desse modo, a vinda do Filho do Homem significa o juízo contra a atitude que faz com que as pessoas pensem apenas em si mesmas.

Noé, diante das advertências de que Deus renovaria a face da terra pelo dilúvio, começou imediatamente a construir a arca a fim de preservar os animais e a espécie humana. Diante do que Deus havia prometido fazer, Noé tratou de emendar sua vida e avisar a todas as pessoas que consertassem suas vidas também. A coleta para hoje pode nos ajudar a compreender melhor o texto. Pede-se a Deus que dê-nos a graça "de rejeitar as obras das trevas e vestir-nos das armas da luz". As obras das trevas são aquelas que nos afastam do plano de Deus. As obras da luz estão contidas no que ouvimos de Paulo aos romanos: o amor é o cumprimento da lei.



A arca tornou-se no período patrístico um símbolo da Igreja, arca da salvação. Através dessa alegoria, os teólogos antigos afirmavam que é na Igreja e pela Igreja que podemos acompanhar a renovação que Deus há de promover na face da terra e ser poupados do juízo. Jesus também se serve da linguagem apocalíptica quando fala "um será tomado e outro deixado". Mais uma vez é oportuno dizer que não vale a pena tecer interpretações literalistas desse versículo e falar em arrebatamentos súbitos. Melhor é destacar simplesmente o fato de que os que Deus toma (ou "arrebata") são preservados do juízo, ou seja, de que há uma promessa de preservação do povo de Deus. Nada é dito no texto sobre alguns terem feito algum ato meritório. Voltemos novamente a Noé. Os que foram preservados do dilúvio foram os que deram atenção à sua pregação e não aqueles que zombaram dele e permaneceram cultivando o estilo de vida que Deus estava julgando.

Para ser fiel à Bíblia não é preciso interpretar literalmente esse texto do arrebatamento. Afirmar que Deus vá fazer sumir de repente as pessoas quando iniciar sua catástrofe é uma estreita visão pré-milenista oriunda do fundamentalismo. O significado que melhor pode ser explorado no texto é o de que aqueles/as que ouvem e dão atenção às palavras de Cristo, que se alegram com o reino escatológico que Deus está construindo, estão sob uma promessa: a de que serão guardados, preservados, tal como os que entraram na arca de Noé.

Finalmente, o cerne do ensino de Jesus é a exortação à vigilância. Tal como age o precavido dono de casa, consciente de que sempre pode ser surpreendido pelo ladrão, assim também devemos permanecer. O "ladrão" aqui é o elemento surpresa que em certos textos do Apocalipse é identificado com o próprio Cristo (3.3 e 16.15). Jesus serve-se da imagem do ladrão porque o ladrão sempre age quando menos se espera. Seu trunfo maior é a surpresa.

Como Deus realiza seu juízo hoje? A crise financeira que se alastra mundialmente e o crescimento da economia informal entre os pobres pode representar uma forma de Deus estar julgando os prepotentes e efetuando seu juízo sobre aqueles que, indiferentes ao clamor dos mais fracos, apenas se importaram com seus próprios prazeres? Essa indiferença para com os menos favorecidos e a preocupação apenas com os próprios prazeres não seriam modelos de vida que se enquadram nas "obras das trevas"?

Na verdade, o juízo de Deus já começou. Ele está sempre acontecendo, a cada dia. É juízo sobre um modelo de vida e construção de um novo modelo, cujo padrão é a eternidade, o Shalom. Diante dessa realidade as alternativas resta à Igreja a alternativa, de agir como Noé: anunciar o juízo de Deus, denunciar as falsas seguranças e manter a atitude de espera vigilante caracterizada pela alegria, de quem sabe que o que Deus nos promete é algo muito melhor do que o que aí está. Nesse advento, "o que mais importa, é renascer na esperança". Por isso, mais uma vez, a mensagem do Advento se reveste de significativa importância, pois vem nos falar de um Deus que se debruça sobre a humanidade, que seu juízo é sinal maior de seu amor e seu desejo de restauração da humanidade. Os que ouvem e compreendem essa mensagem, sabem que devem sempre estar vigilantes no testemunho do Reino de Deus. Isso é estar "vestidos com as armas da luz", conforme a Coleta. (CEBC)